



Foto: Daniel Choma.

Entrevista com

Vandina de Souza Amorim Barros (Mulata)

FICHA TÉCNICA

Local da entrevista: Residência da entrevistada, Ribeirão da Ilha, Florianópolis-SC. Data: 17/02/2018.

Participantes: Tati Costa (entrevista e captação de som); Daniel Choma (câmera).

Marisa, filha de Dona Mulata, acompanha a entrevista. Projeto de origem: Ribeirão Foto Sensível.

Parcerias do projeto Ribeirão Foto Sensível: Ecomuseu do Ribeirão da Ilha; Sociedade Musical e Recreativa Lapa; Conselho Comunitário do Ribeirão da Ilha; Grupo de Idosos do Conselho Comunitário do Ribeirão da Ilha; Escola Estadual EEB Dom Jaime de Barros Câmara; Paróquia N. Sra. da Lapa (Matriz da Freguesia do Ribeirão da Ilha); Casa da Memória (Fundação Franklin Cascaes); Setor de Coleções Especiais, Biblioteca Universitária, Campus Florianópolis (UFSC); Museu de Arqueologia e Etnologia Professor Oswaldo Rodrigues Cabral (UFSC); Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Sup. em Santa Catarina); Fundação Catarinense de Cultura; Secretaria de Turismo, Cultura e Esporte - Governo do Estado de Santa Catarina; Secretaria da Cidadania e Diversidade Cultural; Ministério da Cultura - Governo Federal.

Produção do projeto Ribeirão Foto Sensível (2018) e acervo: Câmara Clara - Instituto de Memória e Imagem.

Transcrição da entrevista para projeto Memória Rendeira (2021); Tati Costa. | Edição: Daniel Choma.

MEMÓRIA RENDEIRA

Projeto selecionado pelo Prêmio Elisabete Anderle de Apoio à Cultura - Patrimônio e paisagem cultural - Edição 2020, executado com recursos do Governo do Estado de Santa Catarina, por meio da Fundação Catarinense de Cultura.

Projeto:



Apoio:



Realização:



ENTREVISTA COM VANDINA DE SOUSA AMORIM BARROS (MULATA)

Acervo: Projeto Memória Rendeira | Fonte: <http://www.camaraclara.org.br/memoriarendeira/mulata>

MULATA – Antigamente era banda da cera porque era uma banda pobre aqui e os instrumentos estragavam, eles não tinham dinheiro pra mandar consertar, pegavam cera de abelha, não tem abelheira? E soldavam o instrumento. A banda ficou com nome de cera de abelha. Depois a banda foi progredindo, chamada pra tocar em vários lugares, eu sei que ela teve concorrência e ficou o nome de Banda da Lapa. Meu marido é esse aqui... Tocava na banda: piston.

TATI - A senhora costumava acompanhar a banda?

MULATA - Não, com uma carrada de filhos, ia acompanhar a banda onde? Só escutava a banda passar quando tinha procissão de festa da Lapa, porque Nossa Senhora da Lapa é a padroeira. Quando tinha procissão da festa da Lapa e do Espírito Santo a banda vinha esperar aqui. Daqui levava o imperador até a igreja tocando, compreende? E a procissão também vinha até aqui. Daqui voltava, ia até lá embaixo, pra lá do Centro Social, dava volta e vinha pra igreja. Ainda hoje fazem isso, a Banda da Lapa. Dia 15 de agosto é dia de Nossa Senhora da Lapa. Agora em junho vai ter a festa do Espírito Santo, não sei se vão fazer, o imperador é lá do Alto Ribeirão. É muito linda a festa, eles vêm em carro, tudo pronto, quando chega aqui eles saltam, o povo vem todo aqui esperar a Banda, sai a imperatriz e vão até a igreja. A banda tocando e a carreata vai toda atrás. É muito linda a festa do Espírito Santo aqui, muito bonita.

TATI - A senhora acompanha?

MULATA - Não, porque é de noite. Antes eu trabalhava lá na igreja, ajudava a trabalhar na cozinha, no salão tem uma preparação, nós íamos vender doce, fazer pastel, fazer cachorro quente pra dar uma força, arrumar uns trocadinhos pra igreja, nós fazíamos isso. *[Comenta sobre fotografia]* Meu Deus, minha casa. A Mariche, a Zilda, Anita do seu Oscar, Anita Lopes. A minha casa, a casa daquela menina aí do lado e a casa daquela outra menina, da Jane. Que bonita a casa da Mariche. Tempo bom minha filha, como dizem, não volta mais.

TATI - A senhora nasceu aqui?

MULATA - Sim, eu nasci onde é o Centro Social. Nasci e me criei ali, era a casa da nossa avó. Naquele tempo não tinha Centro Social, só tinha o grupo na frente. Tinha uma chácara atrás de tudo quanto era fruta. Criamos ali, minha mãe viúva, com três filhas. Meu pai morreu em Blumenau, ninguém sabia que ele tinha morrido, lá mesmo se enterrou. Minha mãe ficou com nós, três filhas, a Valda, a Vanda, que já faleceram e eu...

TATI – Essa casa que a gente está hoje, a senhora veio pra cá quando?

MULATA - Faz sessenta anos já que moro aqui.

TATI - Foi quando a senhora se casou?

MULATA - Não, foi depois. Fui morar no Rio Grande do Sul. Fui com dois filhos, voltei com três. *[Risos]* Aí vim morar aqui, moro aqui há sessenta e poucos anos, minha sogra comprou com meu marido. Minha sogra já faleceu. *[Comenta uma foto]* Minha tia, tia Maria.

DANIEL - Quem está nessa foto?

MULATA – É minha tia aqui da frente, o nome dela é Maria. A outra é Leonor, essa aqui é a Zilda, também já é morta, aqui na frente... Elas estão vendo a procissão. Naquele tempo era muita pobreza, minha filha. Não era como hoje. Hoje as moças trabalham na cidade, têm emprego, naquele tempo não tinha nada disso. Era raspar mandioca, apanhar café e fazer renda.

MARISA – A senhora faz renda desde que idade, mãe?

MULATA - Desde sete anos. Tinha sete anos quando minha mãe me ensinou a fazer renda.

MARISA - E quantos anos tens agora?

MULATA - Vou fazer noventa anos, estou com oitenta e nove. Naquele tempo da miséria nós vínhamos da escola, minha mãe dava uma coisinha, o que tinha pra comer. A gente naquele tempo usava vestidinho com a combinaçõzinha por baixo, Tirava o vestido, ficava com a combinação, ia fazer renda no quintal, debaixo do cafezeiro, por causa do calor. Minha mãe botava uma esteira debaixo do cafezeiro e nós sentávamos tudo fazer renda ali. Eu adoro fazer renda. Essa filha nunca quis fazer, ensinei, tenho outra chamada Luciana, ensinei também, não quis aprender, agora faz crochê que é uma beleza. E eu não consegui aprender crochê.

[Corte]

[Faz renda de bilro]

MULATA – Coisa boa fazer renda, não é?

TATI – Que tipo de peça é essa que a senhora está fazendo?

MULATA – Essa aqui é Ceará.

MARISA – Ceará em metro.

MULATA – Agora vou fazer um voltadinho aqui, quer ver? Vou fazer esse giro aqui, olha... Vou fazer a perninha cheia pra tu ver.

TATI - Foi difícil aprender?

MULATA - Foi, apanhei muito na mão. Quando aprendeu a fazer renda, a gente primeiro aprendeu a fazer a trancinha, essa aqui, sabe? Depois de fazer a trancinha é que minha mãe foi ensinar a fazer rendinha de metro. Todo mundo aqui só fazia essas coisas. Ela é muito miudeira.

TATI - Quando a senhora se mudou pra essa casa a rua já era assim calçada?

MULATA - Não, era de barro. Quando chovia a gente não podia abrir a janela porque entrava lama tudo dentro de casa, a gente não podia abrir a janela, sabe? Depois é que o Irineu Bornhausen mandou calçar e mandou botar luz.

TATI - Foi junto, na mesma época?

MULATA - Faz muitos anos, minha filha.

TATI - Quando a senhora era criança chegava a ir pro centro?

MULATA - Ia de pé, saía de casa duas, três horas da madrugada. Chegava lá antes do Armazém Vieira, descia na praia, lavava, secava os pés, calçava o sapatinho e ia até o centro. Era assim, sabe? Naquele tempo a gente era muito pobre, não dava, minha filha. Depois que me casei, casei com dezoito anos, peguei uma bomba, meu marido. Quando a pessoa tem sorte é bom, mas quando não tem. Eu não tive sorte com marido.

TATI - A senhora ia pra escola?

MULATA - Estudei até o terceiro ano.

TATI - Onde era a escola?

MULATA - A escola, naquele tempo, não tinha grupo. As professoras davam aula na casa onde elas moravam. Depois que fizeram o colégio. Essa filha ficava com os irmãos todinhos dentro de casa. Eu ia trabalhar em faxina, saía de manhã e chegava de noite, na cidade, por conta própria, em casa particular. Trabalhei em faxina. Ela ficava com os irmãos.

TATI - E a renda, a senhora fazia também?

MULATA - Fazia para dona Adelina, ela hoje já faleceu.

MARISA - Por que a senhora fazia renda, mãe?

MULATA - Porque tinha necessidade.

MARISA - Pros filhos, pros irmãos?

MULATA - Eu trabalhava em faxina, chegava em casa, tomava banho, comia qualquer coisinha, fazia renda até uma hora, duas horas da manhã, com luz de lamparina de placa. Não tinha luz elétrica. Botava luz assim num banco, numa cadeira, ia fazer renda até uma hora, duas horas da manhã. No outro dia levantava sete horas da manhã e ia trabalhar na cidade em casa particular. Aquela ponte do Estreito, meu Deus, quanto eu passei de pé, eu não tinha dinheiro pra pagar. Às vezes tinha a freguesa do outro lado, eu ia de pé, ia e voltava de pé a ponte. E não tinha aquela ponte ainda, a Colombo, ainda não existia.

MARISA - Como a senhora ia pro centro quando era nova?

MULATA - De pé, já expliquei, eu ia de pé, chegava lá no Armazém Vieira, lavava os pés ali embaixo, calçava a sandalhinha, o chinelo, qualquer coisa e ia pro centro. Ia de pé, quando vinha de volta pra cá ia no mercado ver se arrumava condução pra vir de baleeira. Mas era difícil vir de baleeira, tinha que vir de pé outra vez. Meu Deus, credo. Ia pro Pântano do Sul, quando era solteira, conhece o Pântano do Sul? Aqui pelo morro, na Costeira do Ribeirão, naquele tempo. Hoje desce carro e já sobe carro pra ir pro Pântano do Sul, lá na Costeira, naquele tempo era picada, agarrada nos matos pra subir. Dançava a noite todinha! No outro

dia não vinha pelo sertão. Vinha por lá, não tem aquela reta do Morro das Pedras? Vinha de pé, passava tudo a pé.

MARISA – Depois de dançar a noite toda?

MULATA - A noite toda dançava. Com o Nelson, irmão da Lídia.

MARISA – Iam tão longe assim pra dançar, meu Deus?

MULATA – Era, Pântano do Sul, tinha festa e nós íamos cinco, seis moças, era uma farra dançar lá, subir esse morro, agarrada uma na outra... *[Risos]* Era uma farra, coisa boa, meu Deus. Cinema na Base, aquela reta que tem era só mato. Às quatro horas se arrumava, dava o dinheiro pra dona Dita, era uma senhora que morava ali embaixo, pra ir com a gente pro cinema, nós pagávamos ela, cinco ou seis moças, ia de pé tudo outra vez. E assim vinha, assim era nossa vida, tão bom. Não existia maldade, não existia nada. Não existia maldade nenhuma, a gente andava com os moços passeando pra lá e pra cá. Agora, banho de mar, minha mãe nunca deixou tomar banho de mar.

MARISA - Por que mãe?

MULATA - Porque tinha que fazer renda, ela nunca deixou, nós tinha que trabalhar. É isso aí minha filha.

TATI - Festa era lá no Pântano do Sul ou tinha aqui também?

MULATA - Quando tinha lá aqui não tinha. Lá é festa de São Pedro. Pântano do Sul o São Pedro que é protetor, padroeiro. Agora era assim, quer ver uma coisa? A gente morre de rir. A festa do São Pedro estava tudo na procissão, aparecia um monte de tainha, os adultos soltos na praia iam tudo cercar tainha, era assim, acabava a procissão pra cercar tainha, porque eles vivem ali da tainha, aquilo pra nós era uma festa. Dormia no Pântano do Sul, no Costão, lá perto do cemitério. Naquele tempo não tinha cemitério ali, naquelas casinhas do Costão. Uma esteira, o cobertor pra botar assim “tomara que amanheça”, aquele cobertor fininho pra cinco, seis, um cobertor pra se tampar. A gente não dormia, ninguém dormia a noite toda de frio. Era assim. No outro dia, vamos tomar café, sentava tudo na esteira, escuta só o que nós comíamos: tainha escalada assada, café e farinha. Meu Deus do céu!

MARISA - Fala pra ela das festas que tinham aqui do Clube dos Brancos e Clube dos Pretos.

MULATA - Ah é, ali na rua de cima tinha o Clube dos Pretos e aquele prédio bonito que tem aquele varandão. Quando tinha festa os brancos não podiam ir lá nem os pretos vir aqui.

MARISA - Eu ia nos pretos.

MULATA - Ela ia, se metia lá e ia. Era uma miserável, ninguém podia com ela, se juntava com as outras, iam tudo lá no Clube dos Pretos. Onde anda a Marisa? Ia procurar ela estava lá dentro dançando, dançava que se matava. Era assim. Eles não se uniam, hoje não, hoje se unem. Aqui mesmo quase não tinha preto... Antigamente tinha duas ou três famílias só de preto. Antigamente, quando nos criamos. Agora tem mais preto do que branco.

MARISA – Sempre teve mais pretos do que brancos, são melhores que muitos brancos.

MULATA - Eu adoro os pretos, eu vivia com os pretos.

MARISA - Nós fomos criadas tudo junto.

MULATA - Quando saía passear, ela saiu a mim, quando eu era moça, ia passear, nunca me viram andar com moça branca, era só com moça preta. Eu adorava as pretas. Ainda hoje, a Ivonete morou aqui bastante tempo comigo, dormia aqui com meus filhos, não é Marisa?

MARISA - Por que a Ivonete dormia aqui contigo, ela e a Amélia, o que aconteceu?

MULATA - Não sei...

MARISA - O sarampo...

MULATA - Ah, a Amélia morava aqui, a Ivonete do outro lado. Eu estava grávida do último filho. Deu sarampo em sete filhos meus. Lá no quarto da frente eu tampei a janela com o cobertor, botei duas esteiras, botei um colchão e eles ficaram ali com sarampo, deu em sete. Eu estava grávida do Luciano, escuta só: dei banho, tudo, passou-se. Quando o Luciano nasceu que fez quinze dias, o Luciano deu sarampo, vê só.

MARISA – E elas ficaram te ajudando.

MULATA – E eu tinha um filho mais velho, o Nei, vinha dormir aqui, comia o resto do mingau todo deles e nunca deu sarampo. Já pensaste? Nunca deu sarampo, o Nei, vivia aqui com eles. Uma época eu tinha um primo que morava ali em cima, numa semana ele perdeu dois filhos, porque a mulher não ligava, as crianças andavam em fraldas de camisa, descalças na rua, apanhavam chuva, dois meninos, era uma pena.

[Corte]

MULATA – *[Observa fotografia de embarcação tendo ao fundo a igreja]* Esse barco, eles tinham vindo lá da Costeira do Ribeirão, de tocar numa festa que houve lá na Costeira, lá embaixo. A casa da dona Chiquinha, a venda, a nossa igreja. Aquele coqueiro lá, estás vendo? Nossa igreja foi construída em 1806, feita pelos escravos. As colunas delas eram todas de madeira, dizem os antigos que foi tirada madeira desse morro, as colunas da igreja da Lapa. Foi construída em 1806, tem o número lá. Tudo muda de antigamente, mudanças... Tão bonita.

TATI - A senhora acha que pode ser Navegantes, essa festa?

MULATA - Não, eles vieram da Costeira, podia ser Navegantes lá na Costeira mesmo, lá tem a Nossa Senhora dos Navegantes, lá embaixo, na Costeira, aquela capelinha que tem azul. É de lá que eles vieram. A gente tem uma saudade... *[Observa outra foto]* A procissão de Nossa Senhora da Lapa, a banda tocando, uma porção de gente aqui: a Di, a Lidinha, o Didi, uma porção de gente. Essa é ela: Nossa Senhora da Lapa, padroeira. Acari, meu primo, já é morto.

MARISA – Mostra pra eles o Clube dos Brancos.

MULATA – Aquela casinha na frente da igreja, o Clube dos Brancos, aquela casa lá. Aquela casinha na frente da igreja. É a procissão de São Sebastião. Nossa Senhora do Rosário e São Sebastião.

[Corte]

MULATA – [Observa fotografia do ônibus] Eu não me lembro, esse carro era o carro do seu Panhoca. A filha da Nida, aquela que morreu, a Luciana. É o carro do seu Panhoca, a tirolesa, que eles chamavam. Está vendo, Marisa? A Luciana sozinha de laço na cabeça.

TATI – A senhora ia a pé, mas teve uma época que começou a ter ônibus como esse?

MULATA - Tinha esse ônibus, mas não tinha dinheiro pra pagar. Já tinha esse ônibus, mas a gente não tinha dinheiro pra pagar. As coisas hoje estão muito boas, minha filha, hoje é tudo rico. Nossas canequinhas eram canequinhas de barro pra tomar café.

TATI – Tinha alguém que fazia aqui no Ribeirão, trabalhava com barro?

MULATA - Não, comprava no mercado. Quanto berbigão eu tirei de casquinha pra vender descascadinho. A gente não tem vergonha, porque feio é roubar.

[Corte]

DANIEL - A senhora chegou a trabalhar colhendo café?

MULATA – Tudo isso aí era uma chácara de café. Credo, apanhava o saco de café, mil e quinhentos, o saco de café na dona Isolina. Íamos pros cafezeiros apanhar café, era uma cantoria esses cafezeiros, a gente cantando, tirando versos. A sinhá Januária, a sinhá Julieta, a dona Bela, credo... Aquela tropa toda, coisa boa.

TATI - Cantava o quê?

MULATA - Cantava verso de ratoeira. Agora não lembro mais ratoeira... Tinha uma que cantava assim:

[Canta]

Meu amor ficou de vir, é tarde não aparece

Coitadinho, mora longe, no caminho ele anoitece

Meu galho de malva, meu manjericão

Dá três pancadinhas no meu coração

MULATA - Aí a outra já cantava...

[Canta]

Quem quiser saber eu digo o nome do meu amor

É uma letra embaraçada que pra mim parece flor.

MULATA - E assim fazia aquela roda tudo cantando, era uma cantoria que era barbaridade, embaixo do cafezeiro cantando. Tão bom! *[Outra foto]* Onde é essa casa aqui, Marisa? A casa da tia Bilica... A casa do Dalmiro, é lá embaixo, na praia. Tudo brincando lá na praia, é criança lá de baixo brincando. O Ostradamus era aqui, olha, ainda não tinha. A casa do seu Antônio, da dona Zelma, da Ivonira, a Intendência, a casa do seu Ramon. Aí já tinha luz, olha os postes. Tinha outra, quer ver?

[Canta]

Fui fazer a minha cama, esqueci do cobertor

Deu um vento na roseira, encheu a cama de flor

Meu galho de malva, meu manjeriço,

Dá três pancadinhas no meu coração

MULATA - Tem muito verso de ratoeira, a gente que não se lembra. Tem muito verso de ratoeira:

[Canta]

Dona custa é baixinha, corocó có có

Arrasta a saia na lama, corocó có có

Eu perdi o meu baú, baú, baú, baú

Eu remei contra a maré, maré, maré, maré

E lá meu amor, ele vai morrer

Se ele morrer, eu morro também

A barca virou, deixa ela virar

Foi por causa da Marisa que não soube remar

[Risos]

MULATA - Aquela outra... Fica uma porção de mão, aí eu saio:

[Canta]

Onde mora a senhora condensa de língua de prata

Senhora liondensa, o rei mandou buscar mais as filhas para casar

eu não dou a minha filha, nem por ouro nem por prata

nem por ouro nem por prata, nem por sangue da lagarta

MULATA - Aí eu saio:

[Canta]

*Tão alegre que eu vinha, tão tristonho voltarei
pela filha da condensa que nenhuma levarei*

MULATA - Aí uma de lá:

[Canta]

*Volta cá meu cavalheiro, escolher deste monteiro
Escolher deste monteiro, qual delas parece bem
Esta quero, esta não quero, esta come pão da cesta,
bebe vinho da galheta, come queijo a requeijão
come queijo a requeijão, vem buscar meu coração*

MULATA – Aí a outra ia. Hoje elas não sabem. Lá nos idosos, estávamos um dia lá, tinha uma assistente social, elas disseram assim pra mim: “- Como tu pode se lembrar de tudo?” Eu disse: “- Eu me lembro de tudo, parece hoje.” Eu me lembro de tudo. Eram umas moças e de criança não se lembram de nada. Mas é uma beleza, hoje não tem nada disso. Hoje é namorados, já com dez, doze anos, já estão de batom, de namorado, só querem namorar. Não sabem nada, não sabem pegar uma agulha pra costurar uma roupa, não sabem fazer uma renda, não sabem pregar botão numa roupa, não sabem nada. Os filhos aqui eu criei e tinham tudo caminha de beliche, não era Marisa? Eles levantavam de manhã, eu dizia pra eles: vão lavar o rosto e tomar café, cada um vai fazer sua cama. Sacode o lençol porque eu vou ver, se vocês não sacudir o lençol antes de botar a colcha vocês vão sacudir outra vez. Cada um fazia sua cama de manhã. Todos eles faziam a cama. É isso aí. Verso de ratoeira é tão bom a gente cantar. Agora: São João, Santo Antônio, São Pedro, tudo é época de verso. São João, Deus Nosso Senhor reuniu todos os santos, aí foi perguntando pros santos: O que você queria ser? Um disse: eu queria tal coisa, outro disse: eu queria tal coisa. Quando chegou a vez de João, Deus Nosso Senhor disse assim pro João: O que tu quer João? Diz ele assim: Eu quero botar fogo no mundo. Aí nosso senhor disse: Tu então não vai saber nunca o teu dia, tu vai dormir três dias e três noites. São João nunca soube o dia dele, ele pega no sono dia 22, só acorda dia 25. É, nunca soube o dia dele, São João. Isso é contado pelos antigos. A gente só sentava na esteira - a gente não tinha cadeira -, com nossa avó contando canto de ratoeira pra nós, contando essas coisas todas do tempo antigo, contando tudo pra nós. Hoje não se vê nada disso, é uma pena. Agora em fevereiro, março, começam as aulas, quer ver, eu canto uma música:

[Canta]

*Eu daria tudo pra voltar aos meus velhos tempos de criança
Ah meu Deus a gente cresce e não sai da mente essa lembrança
Aos domingos missa na matriz
Na cidadezinha onde nasci
Ai meu Deus eu era tão feliz no meu pequenino Iraí*

MULATA - Iraí era o nome da cidade.

[Canta]

*Que saudades da professorinha que me ensinou o beabá
Onde andaré Mariazinha, meu primeiro amor, onde andaré
Eu igual a todas as meninas
Tantas travessuras eu fazia
Jogos de botões pela calcada
Eu era feliz e não sabia
Eu era feliz e não sabia.*

MULATA - Tudo é verso antigo. Eu gosto de cantar, adoro...

DANIEL - Tinha uma ratoeira que falava do limoeiro?

MULATA – Limoeiro?

*Meu limão, meu limoeiro
Meu pé de jacarandá
Outra vez tindolelê
Outra vez tindolalá*

DANIEL - E vinha Terno de Reis?

MULATA – Terno de Reis, tenho um CD tão lindo... Aqui se canta muito Terno de Reis, amanhecíamos na rua com Terno de Reis.

[Canta]

Os reis magos do oriente se juntaram

E vieram à cidade de Belém

Adorar o ente pequenino

que é Jesus, nosso grande, sumo bem

Eis que um grande Baltazar com imensa alegria

Viu a estrela que guiava à humilde estrebaria.

Diante da manjedoura de joelho se prostaram

Com incenso, ouro e mirra ao messias ofertaram

Cantemos, cantemos com grande satisfação

O menino Jesus, abençoe o Ribeirão

Cantemos, cantemos com grande satisfação

Menino Jesus, abençoe o Ribeirão

MULATA - Todo ano a gente cantava na Catedral. Ano passado não fui, ela não deixou ir cantar na Catedral. A Anita aqui, o Franklin Cascaes é quem mandava carta pra Anita, ele já morreu, e pagava, nós ganhávamos dinheiro. Cantava uma noite na Catedral, ganhava 80, 90 reais cada uma. Anita recebia o dinheiro, ao cabo de quinze ou vinte dias mandavam o dinheiro pra Anita... Mandava chamar a gente, ela fazia a conta e ia entregando o dinheiro pra cada uma. Ela tocava violão. Ela dizia: vou ganhar mais uns trocadinhos porque eu toco violão, vocês deixam? Ganha. Era assim Terno de Reis. A gente estava deitada, escutava longe cantando, tão bom. Eu saía cantar com o Padre Davi... Ia cantar naquele Morro das Pedras todinho, amanhecia cantando, ele levava a gente. Ali em Forquilha, amanhecia, ele levava pra cantar lá, Padre Davi, ele hoje trabalha na Catedral. Hoje não tem mais nada de Terno de Reis, uma pena, é tão bonito, não é?

[Corte]

[Olha foto do conjunto musical]

MULATA – Conheço... A Filhinha, seu Naval, meu sogro; Anita, que mora aqui, era solteira; a Julia da Tina, o seu Naval, a Vani, a Filhinha, a Dede, está vendo? É a Filhinha, a Marinês, a Dede, a Julia da Tina, a Vani e a Anita, o meu sogro e a Neli, que diferente a Neli, essa aqui embaixo.

MARISA - Elas faziam o quê?

MULATA - Elas tinham um trio e cantavam.

DANIEL - Qual o nome do seu sogro?

MULATA – Era Dorismundo, tratavam Naval, ele era da Base Aérea, ele é paulista. Era um homem forte, baita de um homem, eu tinha até medo dele. A Julia da Tina, que bonitinha a Anita.

[Mostramos a foto da raspagem da mandioca]

MULATA - Raspando mandioca.

MARISA - Pra fazer o quê?

MULATA - Fazer farinha, fazer beiju. Raspa e bota aqui. Depois lavam, botam no moinho, depois de moer a farinha toda botam no forno de lenha, o forno feito de barro. Botam a farinha dentro e vão mexendo. Isso aqui é ali no Ribeirão? Aquele cara que mora ali no engenho do Hélio... Coisa boa raspar mandioca.

DANIEL – O que comia naquela época, quais eram as comidas?

MARISA – O que vocês se alimentavam, a comida que tua mãe fazia?

MULATA – Era peixe, caldo de peixe, ostra, tirava berbigão, minha mãe ensopava berbigão. Comia ostra cozida com feijão. Ela botava feijão no fogo, tudo aqui era ostra, cada ostra bonita. A laranja, minha mãe partia a laranja aqui em cima, ia com a faca, tirava aquele miolo e depois enchia de farinha, nós comia, coisa mais gostosa do mundo.

MARISA - Por que ela fazia isso?

MULATA - Pra encher a barriga. Ninguém enchia barriga. A comida que a gente comia não enchia a barriga, ela fazia isso. Três filhas mulheres.

DANIEL - Misturava a farinha com que?

MULATA – Laranja, porque tinha suco de laranja, botava farinha ali e mexia, fazia aquele pirão de suco de laranja, era a coisa mais gostosa do mundo, comia de colher. Olha, se alimentava melhor do que hoje, hoje é tudo enlatado. Está aí tudo, pra trepar na cadeira é um trabalho. Eu com noventa anos, vou fazer noventa anos, faço renda sem óculos, já pensaste? Se fosse pra fazer faxina hoje eu ainda fazia na minha casa, elas que não deixam fazer faxina. Essas coisas enlatadas...

DANIEL - Colocava farinha com mais o quê?

MULATA - No caldo e comia aquela farinha com o pirão da laranja.

DANIEL - Da laranja e misturava com outras coisas, com feijão?

MULATA - Tinha feijão, comia feijão.

DANIEL - Com farinha?

MULATA - Não, a minha mãe tirava ostra, nós descascávamos ostra, botava em cima do feijão, depois de acabar de comer aquela ostra com feijão, pra encher a barriga, a minha mãe pegava a laranja e cortava, fazia assim pra encher a barriga. Credo. As comidas... Eu fazia na casa da Marisa, tem laranja lá, a casa dela é sempre cheia de fruta, verdura, eu passo bem na casa dela: é uva, pêssego, banana ela bota no micro ondas, fica cozidinha, meu Deus, coisa boa...

[Corte]

DANIEL - Fazia canjica na semana Santa?

MULATA - Não tinha dia, a minha mãe não tinha dia de fazer canjica. Agora precisa chegar semana Santa se quiser comer canjica. Coisa boa. Bem gostosa, canjica, a gente cozinha bem, pega um pouco daquela cozida, não bota sal, pega um pouco daquela, bota no liquidificador, depois de estar bem desmanchada mistura com aquela outra e bota açúcar, bota coco ralado, é uma maravilha.

[Corte]

[Observa foto de tio Adão]

DANIEL - A senhora conheceu?

MULATA - É o tio Adão... Pra banda de cima tinha a casa do Tio Adão, ele era um crioulo feiticeiro, nós tínhamos medo dele. Ele estava na janela: "- Ô, tio Adão!" Nós abanava, ele abanava pra nós. Era um preto forte. Ele vivia só de feitiço, macumba, uma casa grande, tinha uma porção de pretas lá na casa dele. Aqui tem uma, é o tio Adão. Negro velho, forte, negro de macumba. É ele. Passando a grutinha, pra lá um pouquinho da grutinha, na parte de cima, onde era o cartório ali, sabe onde é?

TATI - Tinha cartório aqui?

MULATA - Tinha, ali tinha o cartório Fraga. Tinha aqui, daqui foi pra lá e agora está no Carianos, mas era aqui o cartório.

DANIEL - E o pessoal contava história de bruxa naquela época?

MULATA - Não existe bruxa.

[Corte]

MARISA - E o que passava pelas fechaduras das portas?

MULATA – As bruxas? Agora passa nada.

MARISA – É a história que eles contavam. Onde tem lobisomem tem bruxa.

MULATA – Minha tia aqui, ela pegava as crianças, as filhas quando estavam embruxadas choravam uma porção, sabe? Aí ela deitava a criança na cama e media o pé, se o pé estivesse assim estava embruxada, tinha que estar assim *[Demonstra]*. Tinha bruxa naquele tempo, mas eu não acredito em bruxa, não tenho medo mesmo. A única coisa que tenho medo e tenho respeito: Eu posso sair daqui à meia noite e ir embora pra cima toda vida, a única coisa que tenho medo na vida é de trovoada. Tenho respeito, se eu tivesse um buraco pra me meter eu me metia. Tenho um respeito e tenho medo da trovoada. Não quero dizer que não porque eu tenho, a única coisa que tenho medo na vida é trovoada. Mais nada não tenho.

MARISA – Ela se enfia debaixo da cama!

MULATA – Vou pro meu quarto. Digo assim: “- Marisa, fecha o meu quarto.”

MARISA – Explico pra ela que a trovoada não faz mal, o vento sim.

[Corte]

[Foto da bandeira do Divino Espírito Santo]

MULATA – O que é isso, festa do Divino?

TATI – O peditério, que passam com a bandeira nas casas...

MULATA – É a bandeira do Divino. Aqui passam nas casas também a bandeira, mas não é aqui essa. Eles cantam cantoria, chamam de Folia da Bandeira. Em cada casa eles cantam dois ou três versos, a pessoa dá dinheiro e eles saem. É assim, mas não é aqui não. Um pé de bananeira atrás, parece que é a cabeça do homem... Quando fomos cantar o Terno de Reis na Catedral, até de Blumenau vinha Terno, vocês acreditam? Aqui do Arririú, da Palhoça, até de Blumenau.

[Corte]

DANIEL - A senhora tem saudades do Ribeirão antigo?

MULATA – Tenho, claro que tenho, como tenho saudade... Eu fico na janela, eu choro uma porção, saudade do tempo do Ribeirão, sozinha, elas não vêm. Eu choro uma porção, na boca da noite, quando está escurecendo vou pra lá, saudade dos meus filhos, saudade daqui da mocidade, do tempo do Ribeirão, como era o Ribeirão, como a gente vivia. Mas é assim, de saudade.

DANIEL – Do que a senhora mais tem saudade?

MULATA – O que sinto mais saudade? É dos meus filhos.

MARISA – Tinha mais saudade da sua época.

MULATA - Tenho saudade de tudo.

MARISA - Era uma época boa.

MULATA - Época boa.

MARISA - Era uma época boa, mas era uma época muito sacrificante.

MULATA – Muito boa. Essa chácara aí, meu Deus, laranja, bergamota, jabuticaba, a gente apanhava café. Sentava debaixo do cafezeiro a conversar, cantar verso de ratoeira, como eu estava cantando aqui. Passava as horas, diziam assim: “- Mulata, ninguém apanhou café que eles queriam.” “- Deixa pra amanhã, vamos chupar laranja, que a gente quase não tem nada pra comer em casa.” Essa filha ficava aqui com meus filhos. Ela ficava com eles, tadinha, ela sofreu muito. Ela ficava com tudo, eu saía de manhã e voltava oito horas da noite. Quando chegava ela já tinha dado cafezinho pras crianças. Eu dizia assim: “- Marisa, tem uns trocadinhos pra comprar pão ou biscoito, qualquer coisa.” Ela já tinha dado banho neles, naquele tempo era banheira, ainda não tinha chuveiro, eu tinha uma banheira grande, está lá no rancho da minha sogra. Uma banheira de estanho bonita ela enchia de água, botava no forno de água, lavava eles, quando eu chegava estavam tudo de roupinha vestida já, uns estavam dormindo, outros estavam acordados. Era assim: era sete homens e duas mulheres. Aí eu vinha pra casa, descansava um pouquinho. Tinha casa que eu tomava banho, saía de lá já com banho, tinha casa que não. Tomava um cafezinho aqui, ia fazer renda até uma hora, duas horas da manhã, de luz de lamparina. Botava luz assim e ia fazer renda. Naquele tempo, ali perto da cabeceira da ponte, não sei se chegaram a te falar, tinha a ASSORI, compravam renda e davam encomenda pra gente. Diziam assim pra mim: “- Tu tens que fazer dez metros de renda em vinte dias.” Eu tinha que dar aqueles dez metros de renda em vinte dias, se eu não desse perdia a vez. Era dinheirinho na hora e aqui era muito ruim, ninguém compra renda. Depois meu filho caçula casou, veio morar comigo, o Luciano da Base. A primeira menina que ele teve era Síndrome de Down, eu ia três vezes por semana na APAE. Sabe lá o que é isso? Sabe onde é a APAE, que sobe pra Lagoa? Três vezes por semana a kombi vinha me buscar aqui. O nome dela é Ágata, hoje está uma moça, é uma baita de uma mulher, tu não diz que é Síndrome de Down. A kombi vinha buscar aqui, eu levava ela três vezes por semana lá. Eu tinha bordado, levava, sentava lá na área enquanto estavam lá e ia bordar, às vezes, quando estavam fazendo lanche e tinha pessoas boas me chamavam e me davam um cafezinho, e quando não eram, não me davam. Era assim. Aí vinha-me embora, criei ela até oito anos, a Ágata.

DANIEL - E passava muito carro aqui na Freguesia como hoje?

MULATA - Não. Só ônibus de manhã e à noite. Essa rua toda aqui, eles brincando de bolinha de gude porque não passava carro. Essa criançada que tinha aqui, os meninos que tinha por aqui, tudo brincando de bolinha de gude. O ônibus era aquele tirolesa, que eu disse, saía de manhã e só voltava a tarde. Não passava carro nenhum. A gente ia de pé pra cidade e voltava. Mas era assim, era tão bom. Coisa boa, credo, tão bom. Ia naquela ilha lá tirar ostra, sabe lá o que é isso? Cada ostra, meu Deus. Trabalhei muito. Essa filha saiu a mim. Essa é um homem e uma mulher. Minha mãe dizia que eu era pra ser homem. E eu digo que ela era pra ser homem também... Ela faz tudo, igualzinha a mim.

DANIEL - E por que se chama dona Mulata?

MULATA – Olha, vou te contar uma história. Nós morávamos, já falei pra vocês, onde é o Centro Social ali. Meu avô tinha uma cabra preta, bem grande, chamava-se Mulata. Aí eu nasci, quando tinha dois, três anos, me deu uma doença, eu não quis mais comer, sabe? A garganta tapou tudo. Aí minha mãe dizia assim: “- Seu Biloca...” O nome dele era Amorim, tratavam Biloca. “- Onde o senhor vai?” “- Vou lá na chácara tirar leite da Mulata pra fazer mingau pra Mulata.” Uma cabra preta que eles tinham e ficou o nome. Chegar aqui, botar meu nome Vandina, eu mesma não gosto do meu nome. Minha mãe não sei de onde foi tirar esse nome. Mas vai chamar Mulata, a Mulata é a tal. Um dia chegou aqui uma moça [Bate palmas] Duas, três moças: “- Eu vim aqui porque a dona Elza mandou, aqui tinha uma senhora chamada Mulata, que fazia renda, que ela ia mostrar renda que ela está fazendo. A senhora quer mostrar a dona Mulata pra mim?” “- A mulata sou eu!” “- A senhora é a Mulata” “- Sou, entra.” Ela entrou, aí fui mostrar renda pra ela, eu estava fazendo renda. A Elza que tem aquela lojinha. Foi por isso que botaram apelido de Mulata, fiquei como Mulata. Todo mundo me conhece aqui na Freguesia, a dona Mulata.

DANIEL – Pra senhora o que é memória?

MULATA – Memória é a gente saber tudo... A gente se lembrar de tudo como me lembro, eu tenho boa memória. Canto verso de igreja, canto tudo. É boa memória. Coisa boa não é Marisa, boa memória?

DANIEL - E o que é a vida?

MULATA - A vida, meu Deus... Deus que não me tire do mundo tão cedo, deixa eu viver mais um bocadinho. Eu passei tanto trabalho na vida. Eu rezo toda noite pra Deus, Nosso Senhor não me tirar do mundo agora porque eu passei tanta fome, tanto trabalho. Agora eu sou rica. Hoje eu tenho pra dar. Antigamente eu queria um pedacinho de pão, eu não tinha. Hoje eu tenho pra dar.

[Fim da entrevista]